

Local Obras encontraram construções de carácter inédito

Túnel de drenagem revela vestígios romanos que mudam o mapa de Olissipo

Achados são os primeiros dessa era a oriente da antiga Olissipo. E, por isso, permitirão repensar a cartografia histórica da cidade de Lisboa. Património Cultural, IP está a acompanhar as escavações

Samuel Alemão

Ainda muitos aspectos haverá por apurar, mas é já certo que os vestígios arqueológicos recentemente detectados na zona de Santa Apolónia, no âmbito das obras de escavação do Túnel de Drenagem Monsanto Santa Apolónia (TDMSA), se revestem de grande importância. Tanto que poderão ajudar a reescrever parte da história de Olissipo, a cidade romana que esteve na origem de Lisboa. Isso mesmo é confirmado ao PÚBLICO pelo Património Cultural, Instituto Público (PC, IP), que qualifica os achados como “bastante relevantes”.

Em causa está, sugerem as escavações feitas até ao momento, o que se assemelha a um edifício e a algumas construções, cujas funções originais não foram ainda inteiramente compreendidas. Mas essas estruturas, indubitavelmente de origem romana, apresentam um carácter inédito por revelarem, pela primeira vez, evidências construtivas desse período histórico na zona a oriente da actual Alfama.

O desenterramento e o registo dos vestígios estão a ser efectuados pela equipa de arqueólogos que acompanha esta obra do Plano Geral de Drenagem de Lisboa (PGDL), monitorizada por técnicos do PC, IP. E deverá acarretar um atraso nos trabalhos do túnel, esperando-se que, após o registo científico, se proceda à desmontagem e retirada dessas estruturas, dentro de uma semana.

Até agora, pensava-se que a área onde está Alfama constituía o limite nascente da antiga Olissipo. Por isso, a descoberta acaba por colocar sob uma nova perspectiva a cartografia histórica da cidade. Fora dessa antiga zona urbana, apenas havia registo de construções dessa época relacionadas com cemitérios. Os vestígios foram encontrados em dois pontos distintos naquela área jusante do futuro túnel.

O primeiro fica junto ao largo e à Rua do Museu de Artilharia, arruamentos fronteiros ao Museu Militar de Lisboa, onde se encontra o estaleiro de construção do troço final do túnel, que é a obra mais importante do PGDL. O segundo situa-se junto à estação de comboios de Santa Apolónia. É àquela zona, a poucas dezenas de metros do Tejo, que



dentro de alguns meses, e se tudo correr conforme o previsto, que chegará a H2O, a tuneladora que, desde o final de 2023, tem vindo a perfurar o subsolo lisboeta a uma velocidade de 15 metros por dia.

A informação sobre a descoberta destes vestígios da época romana foi adiada ao PÚBLICO por fonte do meio da arqueologia, sublinhado a excepcionalidade da mesma e o que ela poderá significar para a investigação científica sobre o passado de Lisboa. Isto porque, findos os trabalhos de prospeccção arqueológica, permitirá a revelação de aspectos desconhecidos da ocupação romana da actual zona oriental da capital e da sua relação com o rio. “Poderão vir a revelar um contexto portuário muito importante”, disse a mesma fonte.

“Foram identificadas estruturas de cronologia romana, ainda em fase de escavação e de caracterização da sua funcionalidade”, confirma o Património Cultural, IP. Questionada pelo PÚBLICO sobre a relevância das mesmas, a entidade pública assegura “que estes achados são bastante relevantes, sobretudo porque são os primeiros vestígios

deste tipo identificados a oriente da cidade de Olissipo”.

Visitas de especialistas

Por isso, o instituto tem acompanhado com atenção o que ali tem vindo a ser revelado. Tanto que, na sequência da identificação dos achados, já realizou várias visitas de estudo ao local. Uma delas com a participação de investigadores especialistas na ocupação romana de Lisboa.

O Património Cultural, IP reuniu-se com a direcção científica dos trabalhos arqueológicos e com o dono de obra, a Câmara de Lisboa, e comunicou-lhe a necessidade de os vestígios “serem integralmente escavados”. E todos os trabalhos arqueológicos em meio húmido têm sido acompanhados e fiscalizados pelo Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS). Por se “localizarem na cota de afectação da obra de construção do túnel de drenagem”, os achados arqueológicos “serão conservados através do registo científico”, garante o instituto.

Em Dezembro passado, o presidente da Câmara de Lisboa, Carlos Moedas, confirmou, perante a assembleia

Os vestígios foram encontrados junto ao Museu Militar de Lisboa, onde se encontra o estaleiro do túnel, e junto à estação de Santa Apolónia



Estes achados são os primeiros vestígios deste tipo identificados a oriente da cidade de Olissipo

Património Cultural, IP



municipal que as obras de construção do Túnel de Drenagem Monsanto Santa Apolónia obrigariam à destruição do que restava de um cais oitocentista junto a Santa Apolónia.

“Tudo o que está a ser feito, está a ser feito em consonância com a Direcção-Geral do Património [Cultural (DGPC)]”, assegurou o autarca, referindo-se à entidade que antecedeu o Património Cultural, IP e deu parecer prévio à intervenção. Moedas respondia ao deputado municipal do Chega Bruno Mascarenhas, que confessava ter “dúvidas que estivesse prevista a demolição” do cais no estudo arqueológico obra.

Naquela altura, Filipa Roseta, vereadora com o pelouro das obras municipais, disse que a demolição daquela estrutura estava a acontecer, mas respaldada na monitorização da entidade pública responsável pela preservação patrimonial. “Santa Apolónia é o maior estaleiro de construções arqueológicas, porque tem todas as linhas de costa. De cada vez que se atravessa uma, têm de estar dezenas de arqueólogos a ver o que é que se passa, a fazer o levantamento, a demolir, para a obra depois poder acontecer”, disse, na altura.

Esses trabalhos de prospeccção arqueológica têm-se constituído como motivo de preocupação para os responsáveis pelo projecto do túnel com cerca de cinco quilómetros de extensão. Mas, há pouco mais de dois meses, a expectativa era a de que a perfuração terminasse em Julho. “É sabido que tem havido alguns atrasos, devido a descobertas arqueológicas. Mas, se não tivermos nenhum contra-tempo, será nessa altura que terminaremos a perfuração”, disse ao PÚBLICO, no final de Dezembro, José Silva Ferreira, coordenador geral do plano de drenagem.

Questionado agora sobre estes achados, o responsável admite que os mesmos implicarão “atrasos”, mas salienta que o processo de escavação do túnel “está já bastante avançado”. “Continuamos a trabalhar, estamos a escavar e faltam apenas 800 metros para chegar àquela zona. Mas estas coisas, como é óbvio, provocam atrasos”, diz ao PÚBLICO José Luís Ferreira, projectando que “para a semana, deverão começar a desmontar o que ali encontraram”.

O PÚBLICO questionou a câmara sobre os achados mas não obteve resposta.